

## Meandros do mito sob a lente de Barthes: o político como foco<sup>1</sup>

Jéssica Cristina de CAMPOS<sup>2</sup>  
Luciana Coutinho Pagliarini de SOUZA<sup>3</sup>  
Universidade de Sorocaba, Sorocaba, SP

### Resumo

Esse artigo tem como tema mito e política. O objetivo que se delinea é o de apresentar reflexões sobre como se constrói o mito ou a imagem do político na contemporaneidade. Para tanto, interessa-nos empreender uma revisão bibliográfica que fundamente essa construção, bem como nos aproxime das discussões mais recentes sobre o tema. A relevância desse artigo reside na atualização da construção do mito voltada ao cenário político brasileiro.

**Palavras-chave:** Comunicação. Política. Mitologia. Barthes.

### 1 Introdução

Este artigo, recorte da dissertação em desenvolvimento, objetiva apresentar reflexões sobre a construção do mito na política. Para essa reflexão, lançamos mão de Roland Barthes em seu livro *Mitologias*, em cujas análises de mitos contemporâneos revela a densa camada de significações que envolvem todos os fenômenos e objetos da vida, inclusive na política.

Durante a leitura de *Mitologias*, encontramos um caminho que o teórico percorre da prática de mitólogo, identificada nas “pequenas mitologias do mês”, até surgir a teoria semiológica dessa prática em *O mito*, hoje. Deste modo, Barthes passa a enxergar a semiologia como um instrumento crítico que amplia o entendimento dos signos culturais inseridos no cotidiano, e já nos apresenta os mitos que se inscrevem na cultura de massas.

Para demonstrar o mito como linguagem, apresentamos sucintamente o percurso de Barthes quando analisa o funcionamento da língua com base em Saussure, para, então, explicitar que a fala mítica, para produzir sentido, se vale da língua

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GT 8 – Comunicação e Política do PENSACOM BRASIL 2018.

<sup>2</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba, Uniso, e-mail: [jechriistina@gmail.com](mailto:jechriistina@gmail.com).

<sup>3</sup> Orientadora do trabalho. Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba, Uniso, e-mail: [luciana.souza@prof.uniso.br](mailto:luciana.souza@prof.uniso.br)

propriamente dita. Competiria à semiologia interpretar as configurações discursivas do mito, que comunica mensagens marcadas por interesses ideológicos.

Logo após, discorreremos sobre o papel da conotação cujo código é histórico e cultural e em um código conotativo, os signos são gestos, expressões, condutas, efeitos que promovem em certo sentido e o uso dado por uma determinada sociedade. Por fim, discorreremos sobre o mito na política.

Para o desenvolvimento desses conceitos, além de Barthes, nos valem de especialistas no autor tais como Motta (2011); Fontanari (2016) bem como em estudiosos do mesmo.

## **2 A origem do mito em Barthes: *Mitologias* em foco**

Para uma melhor compreensão do conceito de mito, apresentemos *Mitologias* em grandes linhas. Publicada em 1957, essa obra surge do recolhimento de uma série de ensaios críticos redigidos para a imprensa francesa, durante os anos de 1950 intitulado como “pequenas mitologias do mês”. Esses ensaios são como *flashes* da sociedade francesa. Dividido em duas partes – a primeira agrupa os seus textos publicados e, a segunda parte, em um posfácio intitulado “O mito, hoje” – Barthes parece justificar a reunião desses textos de temáticas tão diversas, demonstrando que, a partir dessa ciência piloto estabelecida pelo linguista Ferdinand Saussure em *Curso Geral de linguística*<sup>4</sup>, o mito se constrói na comunicação de massa, ao buscar passar por natural aquilo que é culturalmente construído.

Aliás, Roland Barthes mesmo adverte seus leitores no prefácio à edição de 1970 sobre essa influência: “eu acabara de ler Saussure, e ficara com a convicção de que, tratando as ‘representações coletivas’ como sistemas de signo, seria talvez possível sair da denúncia piedosa e revelar em detalhe a mistificação que transforma a cultura pequeno-burguesa em natureza universal” (2001, p. 181).

---

<sup>4</sup> Sobre o Curso de Linguística Geral, observe as anotações de Leda Tenório da Motta: “O texto que chega às mãos de Barthes no correr dos anos 1950 deve ser a primeira edição do CLG [...]. Informações retiradas de seus cursos na Universidade de Genebra, entre 1907 e 1911, e de outras notas tomadas por seus alunos e coletadas por dois professores da mesma instituição, Charles Bally e Albert Séchehaye In: Roland Barthes: Uma Biografia Intelectual (p. 109).

Indo dos Sabões e Saponáceos, passando pelo cinema e a fotografia, Barthes buscava demonstrar, na prática, como os meios de comunicação de massa operam discursivamente na construção do mito.

É no posfácio, “O mito hoje”, que Roland Barthes oferece uma definição para o termo mito: “O mito é uma fala [parole]”.

O ponto de partida desta reflexão era, o mais das vezes, um sentimento de impaciência frente ao natural com que a imprensa, a arte, os sentidos comuns mascaram uma realidade que, pelo fato de ser aquela em que vivemos, não deixa de ser por isso perfeitamente histórica: resumindo, sofria por ver a todo momento confundidas, nos relatos de nossa atualidade, Natureza e História, e queria recuperar, na exposição decorativa do-que-é-obvio, o abuso ideológico que, na minha opinião, nele se dissimula. A noção de mito pareceu-me desde logo designar estas falsas evidências; entendia então essa palavra no sentido tradicional. Mas já desenvolvera a convicção de que tentei extrair todas as consequências: o mito é uma linguagem.

Assim, dos fatos aparentemente mais afastados de qualquer literatura (um combate de catche, um prato de cozinha, uma exposição de plásticos) não pensava em sair da semiologia geral do nosso mundo burguês, cuja vertente literária já tinha explorado nos meus ensaios precedentes. (2009a, p.11).

A dicotomia conceitual língua-fala elaborada por Saussure em seu *Curso de Linguística Geral* – base para a teoria barthesiana – traduz-se no signo linguístico composto pela união entre significante (imagem acústica) e significado (conceito). Saussure dizia que a linguística iria se tornar uma ramificação de uma futura ciência geral de todos os signos chamada Semiologia. Nela, o objeto de estudo não se limitaria à língua, mas incluiria todas as formas de sua realização.

Barthes, ao ler o mundo como um sistema de linguagem, torna a língua o fundamento de todos esses sistemas e, com isso, nenhuma ciência poderia estabelecer-se sem o seu apoio. Contudo, o autor inverte a premissa saussuriana, afirmando que “a Semiologia é que é uma parte da linguística; mais precisamente a parte que se encarrega das grandes unidades significantes do discurso” (BARTHES, 2006, p.13).

Em *Mitologias*, Barthes apresenta o mito enquanto linguagem-objeto, explicitando sua leitura semiológica que propicia o aprofundamento de suas fontes linguísticas. Assim ele o define:

O que é um mito, hoje? Vou dar, desde já, uma resposta prévia muito simples, que está de acordo com a etimologia: o mito é uma fala [...] Dado que o mito é uma fala (parole), tudo que é passível de discurso pode ser um mito. Este não se define pelo objeto da sua mensagem, mas pela maneira como o enuncia: se há limites formais para o mito, não os há os substanciais [...]. Esta fala é uma mensagem, ela pode perfeitamente ser oral; pode ser formada por

escritas ou representações: o discurso escrito, mas também a fotografia, o cinema, a reportagem, o esporte, os espetáculos, a publicidade, tudo isso é susceptível de servir de suporte à fala mítica (BARTHES, 2001, p. 181-2).

Tendo o propósito de expor a naturalização dos valores transformados em estereótipos, Barthes acompanhou vasto material divulgado pela imprensa escrita da época, prática que nomeou de “pequena sociologia cotidiana”. A revista *Paris Match*, teve muitas de suas reportagens transformadas objeto de algumas de suas Mitologias. Grosso modo, é a imprensa a verdadeira fábrica de mitos, onde Barthes vai localizar a materialidade dos significantes míticos, que retratam a manifestação de ideologia divulgada pelas mídias.

Mitologias é, desta forma, uma crítica ideológica à cultura de massa.

O objetivo de Mitologias não é político, mas ideológico (paradoxalmente, em nosso tempo e na nossa França, as peripécias ideológicas parecem mais numerosas que as peripécias políticas). A especificidade de Mitologias é tomar sistematicamente em bloco uma espécie de monstro que chamei “pequena burguesia” (com o risco de transformá-la em mito) e ficar batendo incansavelmente nesse bloco; o método é pouco científico e não tinha essa pretensão; isto porque a abertura metodológica só veio depois, com a leitura de Saussure: a teoria de Mitologias é objetivo de um posfácio: teoria parcial, aliás, pois se foi esboçada uma versão semiológica da ideologia, era ainda preciso complementá-la com uma teoria política do fenômeno pequeno-burguês [...] Meu interesse (muito ambivalente) pela pequena burguesia provém do seguinte postulado (ou hipótese de trabalho): hoje a cultura quase já não é “burguesa”, mas “pequeno-burguesa”; ou, pelo menos, a burguesia está tentando, atualmente, elaborar sua própria cultura, degradando a cultura burguesa: a cultura burguesa volta na história, mas como farsa; essa “farsa” é chamada de cultura de massa. (BARTHES, 2005b, p. 129-130)

O instrumental teórico vindo dos estudos da *Linguística geral* de Saussure passa a estar presente na glosa barthesiana. A semiologia torna-se um instrumento crítico e analítico, ampliando o entendimento sobre os discursos das mídias.

## **2 A construção do mito a partir do funcionamento da língua**

Para explicitar o mito como linguagem, Barthes resgata alguns antecedentes epistemológicos. O que lhe interessa é abordar a materialidade do texto. Tal postura é decorrente da impossibilidade de separar da análise semiológica o discurso do analista. Apoiando-se em Saussure, Barthes propõe que a fala mítica, para produzir sentido, rapta a língua propriamente dita.

Figura 1

1. Significante	2. Significado
3. Signo (Língua) / I SIGNIFICANTE	II
III SIGNO (Mito)	

Fonte: Mitologias

Ao se considerar o mito como sistema de signos, caberia à semiologia interpretar as configurações discursivas do mito que, por sua vez, comunica mensagens marcadas por interesses ideológicos. Analisado pelo esquema semiológico, o mito aparece como metalinguagem, ou seja, uma segunda linguagem. Desta forma, Barthes esvazia o significado do primeiro significado em detrimento de um segundo. A fala mítica seria então o resultado do signo (1), que se esvaziou. A este sistema (1) acopla-se um significado (2).

Tomemos um ramo de rosas: faç-o significar a minha paixão. Não existem apenas aqui um significante e um significado, as rosas e a minha paixão? Nem sequer isso: para dizer a verdade, só existem rosas “passionalizadas”. Mas, no plano de análise, estamos perante três termos; pois estas rosas carregadas de paixão deixam-se perfeita e adequadamente decompor em rosas e em paixão: estas e aquelas existiam antes de se juntarem e formarem este terceiro objeto, que é o signo (BARTHES, 2001, p.135).

Neste exemplo, a rosa e a paixão existem separadamente como significantes. Elas se juntam originando um signo: rosas passionalizadas. Portanto, a fala mítica se revela pela perda dos significantes de um primeiro sistema de linguagem que passa a compor o seu significado. Isto é, o signo mítico se caracteriza por um lado pleno de sentidos e o outro vazio. Assim, sua mensagem é aparentemente oculta, mas que se pode ler no termo de suas primeiras significações.

Outro exemplo dado por Barthes (2001, p. 235) que ilustra a passagem da história à natureza é a capa de uma revista que estampa um soldado negro empunhando a bandeira da França. A imagem só adquire significação quando incorpora o mito da glória da conquista francesa e a pele negra do jovem soldado, ou seja, o mito substitui a linguagem primeira e passa a ser a verdade primeira:

Passando da história à natureza, o mito faz uma economia: abole a complexidade dos atos humanos, confere-lhes a simplicidade das essências, suprime toda e qualquer dialética, qualquer elevação para lá do visível imediato, organiza um mundo sem contradições, porque sem profundidade, um mundo plano que se ostenta em sua evidência, e

cria uma afortunada clareza: as coisas, sozinhas, parecem significar por elas próprias.

No mito não existe uma maneira exata para identificar os seus argumentos, sendo assim, resta prestar atenção na razão de suas sentenças, para analisar se a combinação dialética dessas ideias faz algum sentido. Ele também não pode ser definido pelo resultado final e nem no corpo do seu discurso, porque: “qualquer meio no qual se insere pode ser falsamente dotado de significação” (BARTHES, 2006, p. 205). Outra maneira de encontrarmos o mito é através de uma análise histórica, por meio dela o semiólogo pode constatar argumentos inexatos, pois mesmo as narrativas mais antigas podem conter falsas significações. “O mito é uma fala escolhida pela história, não poderia de modo algum surgir da natureza das coisas” (BARTHES, 2006, p. 200)

A história transforma o real em narrativa suscetível de ser usada pelo mito. Apresenta por meio de uma sentença denotativa que se encaixa em um significante de outra premissa, mas que não transmite nenhuma autenticidade de conteúdo. Por conta disso, Barthes dá atenção para a forma e o conceito do discurso. Forma porque é a estrutura do discurso; já o conceito, é a ideia propriamente dita, o significado que se pretende transmitir.

Na ambivalência pertinente à fala mítica, há um espaço aberto à decifração, em que, a partir da desmontagem de seu significado, tende-se a desvendar a pluralidade de significantes que conduzem à ultrassignificação da mensagem mítica. Deste modo, para o autor, o mito é uma forma de comunicação que desconsidera os contextos históricos e com isso, impede que o receptor de sua mensagem possa compreender aspectos importantes que poderiam influenciar no seu julgamento.

Em uma passagem de *Mitologias*, Barthes não encontrando termo melhor para definir o que estaria a *priori* como paradigma no contexto de sua abordagem do mito, buscou entender conceitualmente em objeção à sua forma, deste modo solicitou sua determinação histórica. Portanto, o mito pode ser característico do seu discurso.

[...] O conceito é um elemento constituinte do mito: se eu quiser decifrar mitos, preciso poder designar conceitos. O dicionário me fornece alguns: a bondade, a caridade, a saúde, a humanidade etc. Mas, por definição, dado que é o dicionário que nos fornece, estes conceitos não são históricos. Ora, do que eu tenho necessidade a maior parte das vezes é de conceitos efêmeros, ligados a contingências limitadas: o neologismo é aqui inevitável. A China é uma coisa, a ideia que dela podia fazer, ainda não há muito tempo, um pequeno burguês francês é outra: para essa mistura especial de

sinetas, de ricochós e de fumatórios de ópio, não há outra palavra possível senão a de *sinidade*. (MOTTA, p. 191)

A palavra *sinidade* serve para indicar que o mito, ao se firmar como um sistema “parasita”, não faz nenhuma transformação objetiva sob a linguagem à qual se liga, concedendo-lhe apenas um sentido artificial.

A explicitação desse fenômeno, nos leva a um novo conceito: o de conotação. Passemos a ele.

### **3 A conotação na construção do mito**

O conceito do mito barthesiano se vale da dicotomia denotação-conotação desenvolvida por Hjelmslev<sup>5</sup>. A conotação passaria a definir conceitualmente a “índole parasitária” da fala mística, pois de forma semelhante, o significado de conotação se estabelece quando há apropriação dos significantes de um primeiro sistema de linguagem, que equivale ao nível literal da denotação. Leda Tenório (2011, p. 116) esclarece o jogo operacional de Barthes:

De fato, esses são operadores que se revelariam particularmente próprios ao acerto do “mito”, já que o discurso mitológico, no sentido de Barthes, é um discurso que se despreza ou se desdobra do plano denotativo para o plano das ultrassignificações conotativas, ou um sistema segundo, clandestinamente narrativo, em que a significação torna-se a expressão de um outro conteúdo, ambos os estratos se imbricando para formar uma significação outra, que é, ao mesmo tempo, extensiva ao primeiro sistema e estranha a ele.

Este fenômeno conotativo caracteriza-se pela sobreposição de dois sistemas semânticos em um mesmo enunciado, podendo ser encontrado nos diferentes sistemas de linguagem: cinema, teatro, imprensa, etc. Importa lembrar que a conotação impõe ao uso da língua um sentido que tem por objetivo comunicar.

Sendo coerente à linguística saussuriana, ao longo de seus textos semiológicos, Barthes advertia que cada vez mais vivemos em uma civilização da escrita, sendo ele mesmo o primeiro a criticar a constituição da “ciência geral dos signos”. Mas, ao

---

<sup>5</sup> Louis Trolle Hjelmslev foi um linguista dinamarquês cujas ideias formaram a base do Círculo Linguístico de Copenhague.

mesmo tempo, aprofundava as suas reflexões sobre as imagens e os signos visuais, tanto que em 1961 publica em “Civilização da imagem”, título de uma coletânea na qual intelectuais introduziam considerações sobre essa temática.

Acentuando a motivação dessa constatação, Barthes percebia aí uma ilusão do que se poderia entender pela palavra *imagem*. Desta forma, questionando sobre a propriedade icônica da imagem fotográfica, analisando-a mais pelo plano de seus efeitos do que pelo poder de intelecção e sua densidade afetiva, comenta:

A afetividade da imagem continua sendo um mito cujo efeito se percebe bem: postulando essa afetividade, sem nunca a questionar, é que as censuras se estabelecem e triunfam. Questionar a Natureza afetiva da imagem seria questionar a própria censura, é compreensível que a sociedade hesite em discutir os “efeitos” da imagem, pois precisa dela. Por outro lado, ainda é menos possível reduzir a linguagem a puro Logos; as palavras desnorteiam, intimidam, fazem sofrer, fazem sonhar, desencadeiam processos traumáticos infinitos. Na verdade, as próprias noções de afeto e intelecto são suspeitas; mais perigoso ainda é reservar-lhes linguagens particulares; pois o que define uma linguagem não é o que ela diz, é o mofo como diz (BARTHES, 2001, p. 68).

Nesse trecho há o questionamento do autor que busca esclarecer que os objetos, mais do que falar, são falados. Com isso, a semiologia possibilita ao autor criticar o que seria o senso comum (doxa), pois falar que viver em uma civilização da imagem se transformava em desculpa para o real problema da identidade lembrado pela analogia técnica da linguagem, a fotografia. Desta forma, procurou entender como a palavra tem relação com a significação da realidade concreta, ou seja, as coisas.

Barthes afirma que na palavra, signo verbal, o sentido é resultado de uma convenção, enquanto os meios de comunicação são, até um certo ponto, neutros. Pois nenhum código (convenção) preestabelece que só alguns signos são transmitidos e outros não. Desta forma, entre palavras e coisas, seria fundamental uma investigação que analisasse a estrutura original da imagem fotográfica, tarefa que o autor apresentou no texto “A mensagem fotográfica”, publicado em 1961 em *Communications*. No texto, o autor aponta que o surgimento da fotografia traz uma nova relação histórica da percepção dos signos culturais. Por ser diferente de outras artes conhecidas até então como – pinturas, teatro, desenho, etc. – a fotografia possui a estrutura básica de se apresentar como um “índice de realidade” ou conhecido também como “análogo mecânico da realidade” (BARTHES, 2009b, p.14)



Desta forma, a semiótica conotativa permitiria descrever como um novo sistema de linguagem se institui a partir de dois códigos semânticos diferentes. Na opinião de Barthes, a fotografia em si não é um sistema de linguagem e, por conta disso, deveria ser pensada como uma mensagem estabelecida por um conjunto que contém uma fonte emissora, canal de transmissão e um meio de receptor. A fotografia ganha, assim, mais destaque nas reflexões barthesianas, já que ela passa a dispor dos protocolos de comunicação massiva.

Barthes define a fotografia como sendo uma “mensagem sem código”, o que a levaria à condição de ser, à primeira vista, puramente “denotante” (BARTHES, 2009b, p.14). Mas a partir do momento em que ela se revela em um contexto de comunicação, passa a ser definida por um código previamente determinado:

O paradoxo fotográfico seria, então, a coexistência de duas mensagens, uma sem código (seria o análogo fotográfico), e a outra com código (seria a “arte”, ou o “tratamento”, ou a “escrita”, ou a retórica da fotografia); estruturalmente, no paradoxo não é evidente a conclusão de uma mensagem denotada e de uma mensagem conotada: é este o estatuto provavelmente fatal de todas as comunicações de massa; pois a mensagem conotada (ou codificada) desenvolve-se aqui a partir de uma mensagem sem código. Este paradoxo estrutural coincide com um paradoxo ético: sempre que se quer “neutro”, “objetivo”, tenta-se copiar minuciosamente o real, como se o analógico fosse um fator de resistência ao investimento dos valores (é, pelo menos, a definição do realismo estético): assim como pode a fotografia ser simultaneamente “objetiva” e “investida”, natural e cultural? Só apreendendo o modo de imbricação da mensagem denotada e da mensagem conotada se poderá talvez responder à questão. [...] Pelo menos, a partir de agora podemos prever os principais planos de análise de conotação fotográfica. (BARTHES, 2009b, p. 15-16)

Por não ter uma mensagem plenamente denotada (com um significante se traduzindo sempre em outro significante) e por não portar nenhum código a priori, a fotografia se manifesta aberta a uma pluralidade de sentidos. Tal abertura é, contudo, bloqueada no momento em que a imagem recebe uma legenda, pois ela passa a ancorar um sentido específico, o da conotação.

Considerando-se que a fotografia é suporte da imagem de políticos, cuja construção do mito nos interessa, passemos a consideração de como essa metamorfose se processa, não sem antes atentarmos para a relação entre semiologia e mito.

#### **4 Semiologia e mito**

A semiologia postula uma relação entre dois termos, um significante e um significado. Relacionando objetos de ordem diferente, não constitui uma igualdade, mas sim uma equivalência. Devem ser considerados, portanto, não apenas dois, nem três termos diferentes, pois o que se apreende não é absolutamente um termo, mas a correlação que os une. Temos, portanto, o significante, o significado e o signo, que é o total associativo dos dois primeiros termos. (BARTHES, 2001, p. 203)

O campo de estudo da semiologia é direcionado para o objeto, pois trabalha o universo das formas e não dos conteúdos, e suas ferramentas são: a interpretação dos conteúdos já existentes e a análise de suas sentenças. Já o mito surge de outra forma, pois ele se constitui em uma cadeia já existente, para que consiga passar despercebido em meio às ideias “verdadeiras”.

O mito transforma o significado em significante e mascara a intenção do que está por trás de uma ideia. Tornando o que seria menos importante – o meio pelo qual trafega a informação – no mais importante, o conteúdo da mensagem. O mito precisa de uma ideia verdadeira, ou que aparenta sê-lo, para que consiga passar despercebido e naturalizar o seu discurso. E quando o mito impera, o nível de consciência da população minimiza efeito comparável ao que Marx chama de alienação (MARX, 2004, p. 81). O sujeito perde a noção do processo histórico que um objeto transformado em capital adquire no mercado, não se percebendo como ator no processo social. Tem vezes que até os que participaram na construção desse objeto (mito) não se veem possuidores de nenhuma responsabilidade ou pertencimento na construção deles. A alienação faz com que a realidade não seja percebida, dando a impressão de que foi sempre da maneira como se apresenta agora. Pois bem, feita toda essa explanação sobre como se opera a construção do mito, voltemo-nos ao que move essa reflexão: o mito na política.

## **5 O mito na política**

Durante a sua carreira, Barthes percebeu a ligação entre discursos míticos e formas de dominação. Uma vez que é extraído de um discurso dado de antemão como verdadeiro, o mito é transportado, para outro lugar com outra roupagem, ou seja, o sentido não é o mesmo de antes. Nesta operação, o mito cria o que Barthes (2001, p. 221) chama de naturalização do discurso, que seria a forma natural a que essa nova ideia ou conceito passa a ser, sem sequer ser questionado.

Como é ligado à produção de novas ideologias, o mito apresenta fundamentos tidos como verdadeiros por serem fiéis aos acontecimentos. Desta forma, o jogo entre o real e o fictício faz com que o mito predomine entre os discursos, o que o diferencia é a capacidade de formar um consenso entre esses discursos.

Em *Mitologias*, o capítulo denominado “Gramática Africana” mostra como as palavras podem ter duplo sentido, de acordo com o papel proposto. Nele, o autor apresenta reflexões sobre a comunicação dos mitos que havia na guerra, tomando como exemplo a guerra da Argélia (1954-1952), circunstância ligada à política expansionista francesa, quando estava em seu auge.

Ainda em *Mitologias*, o mito é exposto na forma de palavras-chave, as quais substituem o significado normativo ou gramatical da palavra, dando uma significação mais agradável. Desta forma, o tom retórico absorve toda sentença signífica que passa a apresentar um segundo significado, porém com uma conotação de acordo com a relevância dos produtores de mito. A clareza em que a fala e o mito se articulam, provoca a alteração da ordem, não só normativa como também a política e social. O modelo como o mito é usado nas comunidades políticas e faz com que o padrão seja mantido, alcançando a naturalização que Barthes comenta.

Por fim, no capítulo “Fotogenia Eleitoral”, Barthes procura banalizar o processo político das poses típicas dos candidatos. Comentando que o que é exposto por meio da fotografia de candidatos, não são seus projetos, “mas suas motivações, todas as circunstâncias familiares, mentais e até mesmo eróticas, todo um estilo de vida de o que ele é, simultaneamente, o produto o exemplo e a isca” (BARTHES, 2001, p.163). Completando a análise do autor em relação à fotogenia dos candidatos, podemos compreender como as formas e os políticos se colocam perante os eleitores, seja como objeto de recorte fotográfico ou sua própria imagem nas suas mais variadas competências. Desta forma, ocorre a manipulação do discurso por diversas esferas da sociedade, exemplificada com “o mito da direita” (BARTHES, 2001, p. 241-248).

A manipulação se dá porque a opinião pública é afetada por discursos burgueses nos quais não é percebido sua real intenção, dado o fato de serem considerados “naturais” uma vez que já estão incorporados na mente da população. Em uma sociedade do consumo, a alienação pode representar uma forma de escravidão e tentativa de conduzir as ideias de um político.

Para Barthes, o mito é um discurso vazio, desconsidera em sua narrativa aspectos como tempo, posição de quem fala, tudo isso por conta da sua ideologia.

A leitura de *Mitologias* conduz-nos a perceber a utilização do discurso como instrumento de propagação de “verdades” do ponto de vista de quem as conta. Por fim, o mito, por ser um discurso, acaba sendo um fato social, e nesse sentido sua propagação é possível graças à mediação da comunicação humana, à medida que se utiliza da linguagem para existir, e é na linguagem que ocorrem os confrontos ideológicos em que a significação se apresenta com toda sua complexidade..

### **Referências**

BARTHES, Roland. **Elementos de semiologia**. São Paulo: Cultrix, 2006.

BARTHES, Roland. **Inéditos (Política)**. 4. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005b.

BARTHES, Roland. **Mitologias**. 11.Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001. Tradução de Rita Buorgermino e Pedro de Souza.

BARTHES, Roland. **O Grau zero da escritura**. São Paulo: Martins Fontes, 2004a.

BARTHES, Roland. **O óbvio e o obtuso**. Lisboa: Edições 70, 2009b.

FONTANARI, R. Roland Barthes e a revelação profana da fotografia. São Paulo: EDUC/FAPESP, 2015.

MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004.

MOTTA, Leda Tenorio da. Roland Barthes – Uma biografia intelectual. 1. Ed. Brasil: Iluminuras, 2011.